

OS JANGADEIROS EM FOCO: REFLEXÕES ACERCA DA RELAÇÃO DE POPULARES COM A IMPRENSA.¹

Berenice Abreu de Castro Neves.²

Ana Paula Pereira Costa.³

Emilu de Sousa Lobo.⁴

Resumo

Esse artigo visa tentar entender as mudanças ocorridas no trato das viagens reivindicatórias dos jangadeiros cearenses pela Imprensa, o que significa investigar o lugar que esses populares, vão ocupando nos meios de comunicação. Para a compreensão dessas modificações é levado em consideração os diferentes contextos em que essas viagens se realizam. Para tal, a análise do jornal “Unitário” dos anos 1941, 1951 e 1958 torna-se de fundamental importância.

Palavras-chave: Viagens reivindicatórias. Jangadeiros. Imprensa.

Abstract.

This article aims at trying to understand the changes occurred in dealing with claim’s travel of Ceará’s raftsmen the press, which means investigate the place which these popular, are holding in the media. To understand these changes is taken into account the different contexts in which these trips are made. To this end, the analysis of the newspaper “Unitário” of the years 1941, 1951 and 1958 becomes of paramount importance.

Keywords: Claim’s travel. Raftsmen. Press.

A história que se faz nos últimos quarenta anos no Brasil vem utilizando a Imprensa de modo bastante significativo. Em alguns desses trabalhos ela aparece como fonte, em outros se torna o objeto central da discussão. Em grande parte dessas produções, entretanto, pode-se constatar a preocupação em problematizar a fonte o que significa considerar os condicionamentos aos quais, essa mídia está submetida, tais como os interesses dos grupos que a patrocinam, sejam eles os proprietários dos jornais, sejam os anunciantes, a pressão do governo, dependendo da conjuntura analisada, as

¹ Este artigo resulta do projeto “Navegar é preciso: experiências de vida, trabalho e luta de jangadeiros cearenses” financiado pela FUNCAP, a qual está em andamento.

² Professora adjunta do curso de História da UECE. Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense. (bereniceabreu@msn.com)

³ Graduanda do curso de História da UECE. Bolsista ICT- FUNCAP. (paulapatrimonio@gmail.com).

⁴ Graduanda do curso de História da UECE (mlulobo@gmail.com).

Artigo recebido em 28/11/2011. Aprovado em 15/12/2011.

expectativas do público ao qual ela se destina, dentre outros⁵. Em outros termos isso significa buscar na imprensa informações sem desconsiderar as suas implicações, o que significa problematizá-la, também, enquanto objeto.

Tendo em mente essas questões, nos propomos a investigar o lugar e o tratamento conferido aos jangadeiros cearenses, por ocasião das viagens reivindicatórias realizadas em jangadas em 1941, 1951 e 1958, pela Imprensa local. Optamos por focar, em especial, o Jornal Unitário, pertencente ao grupo empresarial do então magnata das comunicações Assis Chateaubriand, que possuía também no Ceará, o jornal Correio do Ceará. Analisar esse lugar e o tratamento conferido à ação desses trabalhadores do mar contribui para refletir sobre a relação da imprensa com os populares e ao mesmo tempo perceber a circularidade cultural⁶ que é parte da vivência de segmentos de oralidade mista⁷, como é o caso dos “viajantes” em questão.

É opinião corrente entre aqueles que analisam a feição dos jornais locais nas décadas de 1940 e 1950 a identificação do marco operado com os jornais Unitário e Correio do Ceará, no que se refere a uma postura mais “noticiosa/informativa”, em oposição a um comportamento mais partidário, mais político, ou seja, partidário dos interesses das facções políticas locais, exemplificados pelo jornal O Povo, de Paulo Sarasate e Demócrito Rocha, que representava interesses identificados com a UDN e O Nordeste, vinculado a ideologia católica⁸.

Isso não significa, entretanto, considerar que havia uma absoluta independência e imparcialidade do jornal, haja vista que a posição do proprietário do jornal, bem como a dependência em relação aos financiadores, de algum modo, interfira no conteúdo e no modo como as notícias são selecionadas e tratadas. Fato exemplar dessa questão pode

⁵ Tania Regina De Lucca em “Fontes Impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos” faz um rigoroso balanço sobre essa questão, finalizando por sugerir uma metodologia de utilização de fontes impressas. Cf. PINSK, Carla Bassanezi (organizadora). Fontes Históricas. São Paulo: Conte1xto, 2005. P. 11 a 153.

⁶ Por circularidade cultural estou entendendo a complexa relação que existe entre a cultura erudita e popular, que significa pensar que os populares ao receber influências da cultura erudita operam um trabalho de apropriação criativa e não de mera transmissão e recepção. Essa ideia, extraída de Bakhtin e Carlo Ginzburg, pode ser resumida do seguinte modo: “uma influência recíproca entre a cultura das classes subalternas e a cultura dominante”. Cf. Carlo Ginzburg. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, 1987, p. 24.

⁷ Sobre oralidade mista Cf. ZUNTHOR, Paul. *A Letra e a voz: a literatura medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁸ Sobre isso conferir as entrevistas dos jornalistas Blanchard Girão, Eduardo Campos e Geraldo Nobre em PONTE, Sebastião Rogério. *História e Memória do Jornalismo Cearense*. Fortaleza: NUDOC/UFC/Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Ceará/Secretaria de Cultura-SECULT, 2004 e NOBRE, Geraldo da Silva. *Introdução à História do Jornalismo Cearense*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1975.

ser dado por episódio, contado pelo jornalista Blanchard Girão, em que os Jornais Associados divulgavam de modo exaustivo as obras do “Abrigo Central”, iniciativa do Prefeito Acrísio Moreira da Rocha, em virtude de matérias pagas pela Prefeitura, e quando chegou o final do ano, com o peso de todas as despesas próprias da época a Prefeitura não pagava suas faturas com o jornal. Eis que Girão assiste, meio por acaso, a uma conversa de um dos diretores do jornal com o prefeito, em que o primeiro ameaçava o prefeito, nos seguintes termos: “Se você não mandar liberar esse recurso imediatamente, essa verba, de amanhã em diante, nós vamos combater essa porcaria desse Abrigo, porque isso é um monstrengo⁹.”

Os jornais dos Diários Associados, juntamente com O Povo, eram responsáveis por 80% da tiragem dos jornais que circulavam no Ceará nos anos de 1940 e 1950, segundo Geraldo Nobre,¹⁰ que também destaca a ênfase dos jornais daqueles idos com matérias locais, com a exceção do período da Guerra, que fazia com que nos jornais estivessem estampadas notícias relativas às ações bélicas¹¹.

Em 1941 sob o Patrocínio jornalístico dos jornais dos Diários Associados em Fortaleza representados pelo Unitário e Correio do Ceará, quatro jangadeiros, Jacaré, Jerônimo, Mané Preto e Tatá, empreendem uma arriscada viagem de jangada com vistas a levar ao conhecimento das autoridades brasileiras o desamparo e a miséria em que vivia a categoria dos pescadores artesanais¹², a qual pertencia.

Esse patrocínio significou uma cobertura exaustiva de todos os momentos daquilo que passou a ser chamado de *raid*, desde os preparativos, mobilizando a sociedade para auxiliar materialmente as famílias dos pescadores enquanto esses estivessem fora, pressionando as autoridades a autorizar oficialmente a viagem¹³, cobrindo a chegada dos jangadeiros em cada localidade, designando repórteres para

⁹ Idem.

¹⁰ NOBRE, *Op. Cit.*

¹¹Essas notícias da Guerra em grande parte eram demandadas por segmentos da sociedade que cobravam dos jornais e dos jornalistas mais notícias. “Sobre isso, ver, dentre outras obras, a monografia de Carlos Renato Araújo Freire, *O Quebra-Quebra de 1942 em Fortaleza: Entre o Silêncio e as Lembranças*”, especialmente o capítulo três: “*Entre o Silêncio, o evento*”. *Universidade Estadual do Ceará*, 2011. P. 61 a 91.

¹²Sobre essa categoria e da complexa inserção desses segmentos na vida das cidades, Cf. Antonio Carlos Diegues, *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*. São Paulo: Ática, 1983; *La Pesca Artesanal em Brasil*. Ancona: mayo de 1993; e *Povos e Mares: leituras em sócio-antropologia marítimas*. São Paulo: NUPAUB-USP, 1995.

¹³Houve um impasse em relação a essa autorização chegando a Marinha Mercante a desautorizá-la. Após pressão da Imprensa e intervenção das autoridades a autorização foi dada mediante a assinatura de um documento pelos pescadores de que se responsabilizavam inteiramente por tudo que ocorresse. A esse respeito cf. ABREU, Berenice. *O raid da Jangada São Pedro: pescadores, Estado Novo e Luta por Direitos*. Tese de Doutorado: Universidade Federal Fluminense, 2007.

acompanhar, enfim, os jangadeiros em sua estada no Rio de Janeiro, destino almejado, além de cobrir o retorno desses trabalhadores à Fortaleza. As notícias referentes aos jangadeiros apareciam com frequência nas primeiras páginas, com continuação nas últimas, sendo constantemente acompanhadas de fotografias. É ilustrativo da proporção da cobertura jornalística o fato de que de 10 a 13 de setembro de 1941 o jornal carioca *Diário da Noite*, dos Diários Associados, tenha publicado várias matérias sobre a indefinição da viagem dos pescadores. Ilustra esse fato texto de autoria de Austragésilo de Athaide, intitulado “Deixem vir os jangadeiros”, publicado nesse periódico em 11 de setembro de 1941.

Dir-se-ia que de toda a parte viessem os aplausos e os estímulos a essa viagem desportiva destinada a demonstrar a fibra da nacionalidade num dos seus povos mais caracterizados pela ousadia, a generosidade e o civismo. Pois houve quem embargasse. Para tal feito, simples e alto nas razões de sua finalidade, são exigidas as licenças burocráticas. É necessário que se pronunciem comissões, que se ouçam técnicos administrativos, que se dê a espontaneidade da idéia o toque sansoborão das licenças oficiais. Fio, no entanto, que todas as formalidades cumpridas, pagos os emolumentos e selos, deixem vir os jangadeiros para exaltar a grandesa do Brasil.

Mas a proximidade dos jangadeiros com jornalistas e com a Imprensa não se efetivou apenas por ocasião da viagem reivindicatória à Capital Federal. Em 1939, cerca de cem pescadores, procuraram as redações dos jornais locais para protestar acerca de uma lei baixada pelas autoridades municipais que fixava o preço do pescado e os pontos para sua comercialização, que deveria ficar restrito aos mercados municipais. A venda na praia, a beira mar, só seria permitida àquelas jangadas que chegassem à noite e só poderia ser feita por ambulantes. Essa lei, segundo leitura dos pescadores exposta ao jornalista, subordinava-os ainda mais aos odiados atravessadores, aqueles que intermediavam os pescadores com o mercado. A base do protesto era o costume, que fundamentava-se, ainda, na noção de economia moral¹⁴. Segundo explicação do redator do Unitário¹⁵, os pescadores aceitavam a tabela fixada, mas discordavam:

(...) da medida que lhes extorquiu a liberdade de comércio, e que vem afetar profundamente à economia de cada um. Afirmam que a ação da polícia tem manifestado além da energia, a ponto de não permitir que um pescador forneça um peixe a um amigo, mesmo gratuitamente. Pedem, por tudo isto, que a prefeitura determine a venda livre do

¹⁴ Cf. E.P. Thompson. *Costumes em Comum. Estudos sobre cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹⁵ *Um apelo dos pescadores*: em nossa redação uma comissão da Colônia Z1. Pleiteando a venda livre do peixe. Unitário, Fortaleza, 10.04. 1939, p. 1.

peixe, para que os marchantes interessados não venham a explorar o produto do trabalho que eles, os pescadores, desenvolveram.

Interessante observar que esses trabalhadores, a exemplo do que observou o E.P. Thompson acerca dos camponeses ingleses do período pré-industrial, protestavam amparados pela ideia de uma referência moral, fundamentada no trabalho e na comunidade, que por sua vez remetia a um costume do qual não queriam abrir mão. Sabiam utilizar essa estratégia quando a nova “lei” contrariava seus interesses. Na base dessa argumentação, como um *capital simbólico*¹⁶ a seu dispor, estava a condição de trabalhador miserável, explorado, apesar da sua bravura enfrentando o mar em busca de seu sustento e de seus familiares. Era esse seu trunfo, que os pescadores utilizavam com muita habilidade, nas estratégias de luta, protesto e pressão que desenvolviam. Os jornalistas pareciam convencidos e sensibilizados com essa argumentação, tanto que um jornalista d’O Povo colocou que tal medida visou apenas atender aos interesses dos consumidores, sendo os principais beneficiados, no final das contas, os atravessadores. Falando sobre o “antigo sistema” o jornalista esclarece que o pescador poderia vender um pouco do pescado diretamente, na beira da praia, sem ter que entregar tudo aos comerciantes.¹⁷

De volta a Fortaleza, nos discursos públicos proferidos por jacaré, consagrado pelos jornais, como O Pero Vaz de Caminha da Jangada São Pedro, o pescador elencava com destaque entre aqueles que contribuíram para o sucesso do *raid*, os jornais dos Diários Associados e seus jornalistas, a quem chamava de “amigos de todos os tempos”.

Novos tempos, em outras águas os jangadeiros do Ceará: O “raid” Fortaleza – Porto Alegre (1951)

O “raid” de 1951 que teve a participação de três remanescentes do “raid” de 1941, Jerônimo André de Souza, Raimundo Correia Lima, vulgo Tatá, Manuel Pereira da Silva, conhecido como Manuel Preto, e os dois novatos, Manuel Lopes Martins, apelidado de Manuel Frade e João Batista Pereira, sobrinho de Jerônimo, “inicia-se” na imprensa antes de sua partida com uma campanha visando angariar recursos conforme

¹⁶Noção emprestada de Pierre Bourdieu, *O Poder Simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989.

¹⁷*Queixam-se os pescadores: cativos dos intermediários não podem vender o produto de seus labores*. O Povo, Fortaleza, 10. 04.1939.p.1

noticia o jornal *Unitário* de Fortaleza do dia 16 de setembro daquele ano¹⁸ e onde podemos perceber o apoio da população, das autoridades e da própria imprensa no sentido de dar voz a esses trabalhadores que mais uma vez empreenderam uma arriscada viagem em uma frágil embarcação para cobrar as promessas feitas, em 1941, e que não foram cumpridas, além da solução da questão envolvendo a indicação de um pescador para a Delegacia de Pesca no Ceará, como mostra o trecho da reportagem do dia 14 de outubro do referido jornal:

(...) Jeronimo, autentico lider dos praieiros de Fortaleza, fala, com magua, das promessas feitas no “raid” Fortaleza-Rio de 1941e, infelizmente, jamais cumpridas.

O velho pescador do Meireles fala, tambem, no total desamparo em que seus companheiros vivem. Refere a situação de seus filhos, sem nenhuma assistencia medica, sem escolas, entregues a toda sorte de doenças, sob o perigo constante da morte (...)Mostrou tambem a situação das casas dos jangadeiros, quase sempre de palha e taipa, com piso de areia, pintando, enfim, todo o quadro de miséria em que se encontram os homens do mar do litoral cearense.

Um ponto, porem, ele refere com destaque, o que demonstra que os jangadeiros de nosso Estado já estão convictos da necessidade associativa para a resolução de muitos de seus problemas. É o ponto da substituição do agente da Fiscalização da Pesca, que os jangadeiros querem um elemento saído da classe, conhecedora dos problemas da classe. Para isso, Jeronimo e seus quatro companheiros advogarão no Rio o cumprimento do que lhes prometera o presidente da República.¹⁹

O dia 14 de outubro de 1951 marca o começo do “raid” Fortaleza-Porto Alegre²⁰ acompanhado de perto pela imprensa tanto aqui do Ceará como dos lugares por onde passaram nossos intrépidos jangadeiros, devido ao fato de ser o jornal *Unitário* parte integrante dos “Diários Associados”, pertencente ao visionário Assis Chateaubriand, um dos primeiros homens no Brasil a ter em mente o ramo das comunicações como um poderoso e rentável filão empresarial, o qual adquiriu vários jornais em muitos Estados do país, quando não os fundou ele próprio.

A primeira parada deu-se em Natal duas semanas após a partida na Praia do Náutico em Fortaleza²¹, percurso este como até o de Recife feito bem longe da costa. Ao chegarem a Salvador, exaustos e alguns doentes, disseram “que estão

¹⁸*Movimento popular visando angariar donativos para os jangadeiros que vão ao R. Grande do Sul.* Unitário, Fortaleza. 16.09.1951. p. 08.

¹⁹“Raid” heroico sobre quatro paus de uma jangada. Unitário, Fortaleza, 14.10.1951. p. 08.

²⁰Idem.

²¹*Bem dispostos os jangadeiros e Em Natal os jangadeiros cearenses.* Unitário, Fortaleza. 28.10.1951. p. 01, 06 e 12.

impressionados com a recepção que tiveram aqui, bem como em Natal, João Pessoa e Recife²²”. Fato noticiado com destaque na primeira página do *Unitário* foi o dos cinco “raid-men” estarem perdidos no trecho entre a Bahia e o Espírito Santo²³, contudo, felizmente, na tarde do dia seguinte, ou melhor, às 16 horas do dia primeiro de dezembro, sob um forte temporal os destemidos homens do mar aportaram em Vitória²⁴.

As notícias referentes aos preparativos da recepção para Jerônimo, Tatá, Manuel Preto, Manuel Frade e João Batista no Rio de Janeiro, como também a permanência deles no Distrito Federal, tiveram muito destaque no *Unitário* ocupando quase todas elas a primeira página durante o mês de dezembro. Dentre tais notícias não podemos deixar de considerar a manchete do dia 13 de dezembro que traz o seguinte – “Repercute nos Estados Unidos a chegada dos jangadeiros no Rio” o que demonstra a repercussão obtida pelo feito heróico, nem a do dia 25 que aborda a enfermidade pela qual é acometido um de nossos protagonistas, no caso Tatá, que teve de permanecer internado no Rio de Janeiro devido a ter contraído malária, apesar desta não figurar na primeira, mas na última página, entretanto com bastante evidência.

No Rio de Janeiro nossos protagonistas puderam entregar um dos dois memoriais preparados ao então presidente, agora eleito, Getúlio Vargas, onde traziam suas cobranças referentes às promessas feitas, como dito acima, no “raid” de 1941 e não cumpridas, além de novas reivindicações da classe dos pescadores.

A segunda etapa considerada a mais perigosa, pois o trecho é desconhecido dos tripulantes da “Nossa Senhora da Assunção”, onde se inclui um repórter, inicia-se no dia 03 de janeiro de 1952²⁵ quando se dirigem finalmente em direção a Porto Alegre.

Em uma entrevista concedida pelo almirante Frederico Vilar à sucursal dos “Diários Associados” do Rio de Janeiro ele deixa claro como é perigoso os mares do sul ao telegrafar ao presidente tentando impedir que os cinco navegantes prossigam sua viagem, pois os mesmos já demonstraram bastante bravura e patriotismo em várias outras ocasiões, tornando-se desnecessário por a prova as preciosas vidas desses valentes pescadores²⁶.

²² *Exaustos e doentes os jangadeiros cearenses*. Unitário, Fortaleza. 21.11.1951. p. 01.

²³ *Perdidos os cinco jangadeiros*. Unitário, Fortaleza. 30.11.1951. p. 01.

²⁴ *Chegaram a Vitória os jangadeiros*. Unitário, Fortaleza. 01.12.1951. p. 06.

²⁵ *Partiram os jangadeiros*. Unitário, Fortaleza. 04.01.1952. p. 01.

²⁶ *Enfrentar os mares do Sul em simples jangada é temeridade*. Unitário, Fortaleza. 08.01.1952. p. 01 e 02.

Já na região sul do país, a aclamação continua com notícias afirmando o prestígio conseguido pelos jangadeiros, como temos a oportunidade de observar na leitura da notícia da chegada deles no Porto de Paranaguá:

Informa-se que verdadeira sensação causou ali a chegada da jangada “Nossa Senhora da Assunção”, com os jangadeiros cearenses. Grande massa popular compareceu ao porto quando a jangada singrou as águas de Paranaguá. O prefeito da cidade e o capitão dos portos receberam os bravos nordestinos²⁷.

De Florianópolis chega à notícia que a jangada “Nossa Senhora da Assunção” estava avariada devido à forte tempestade enfrentada durante 24 horas, mas que os jangadeiros estavam todos bem de saúde²⁸.

A chegada de nossos intrépidos pescadores foi toda preparada para ser transmitida via rádio diretamente de Porto Alegre para a P.R.E.-9 em Fortaleza pelo repórter associado Stênio Azevedo. Então, no dia 18 de fevereiro de 1952, chegaram ao destino final desta valorosa aventura, onde foram ovacionados pela multidão e autoridades presentes na Praia de Belas e foram literalmente carregados nos braços do povo até o palanque onde se encontravam o governador Ernesto Dornelles e o prefeito Hildo Menegheti²⁹.

Um segundo memorial foi entregue ao governador Ernesto Dornelles contendo as reivindicações da classe dos pescadores que eles representavam. No Rio Grande do Sul eles tiveram, como na maioria dos estados em que aportaram a oportunidade de visitar diversas colônias de pescadores, e a cidade natal de Getúlio Vargas, São Borja. A jangada “Nossa Senhora da Assunção” durante a permanência dos jangadeiros em Porto Alegre ficou exposta na praça defronte à Prefeitura sendo depois transferida para o Museu Júlio de Castilhos.

A volta que seria num avião da FAB foi proporcionada pela Cruzeiro do Sul Linhas Aéreas, a qual teve escala no Rio para buscarem Tatá que ficara para tratar da malária e em Recife, antes de pousarem no Aeroporto do Cocorote onde foram recebidos também como heróis recebendo medalhas oferecidas pelo Governo do Estado

²⁷ *Causou sensação em Paranaguá a chegada dos jangadeiros cearenses*. Unitário, Fortaleza. 22.01.1952. p. 01.

²⁸ *Em Florianópolis os jangadeiros*. Unitário, Fortaleza. 02.02.1952. p 01.

²⁹ *Chegaram a Porto Alegre os jangadeiros*. Unitário, Fortaleza. 19.02.1952. p. 06.

e pela Prefeitura, fazendo o percurso do aeroporto até a Praça do Ferreira em carro aberto ao som das palmas da grande massa que os acompanharam no trajeto.

Como podemos considerar o jornal *Unitário* deu grande evidência a este empreendimento de enorme coragem realizado por esses cinco jangadeiros dando ampla cobertura ao “raid”, sem esquecer a imensa ajuda que tiveram de vários rádio-amadores, como eles mesmos fizeram questão de deixar claro em algumas das diversas matérias escritas. Grande parte destas matérias saiu na primeira ou na última página, as quais eram as que traziam as notícias mais importantes, as mais destacadas pelo referido jornal.

O próprio jornal *Unitário* fez uma homenagem aos nossos valorosos protagonistas com um caderno dedicado a eles contendo diversos artigos e poesias escritos por cearenses e gaúchos que foi veiculada no dia 30 de março de 1952 no Caderno Letras & Artes.

Entre o *Desenvolvimentismo* e o *Trabalhismo*: a Jangada Maria Teresa Goulart (1958).

Para analisarmos a viagem dos jangadeiros para Buenos Aires pesquisamos o jornal *Unitário* desde o início do ano de 1958 até o final do ano de 1959. Pudemos perceber que nos meses que antecedem e sucedem a viagem existem reportagens que se referem aos homens que trabalham no mar, mas seus conteúdos tratam não do jangadeiro tido como o representante da cultura cearense, mas como o homem vítima de vícios, como a embriaguez, vítima do próprio trabalho, morrendo afogados durante as pescarias, ou ainda vítimas da violência urbana. É interessante perceber que nessas reportagens os jornalistas se referem aos trabalhadores do mar denominando-os de pescadores, maneira diferente pelo qual são tratados os homens que possuem o mesmo trabalho, a pescaria, mas que se lançaram ao mar na viagem no final do ano de 1958. Estes homens são denominados de jangadeiros, ou seja, é como se a imagem do jangadeiro fosse à do homem de coragem, o homem das grandes causas e não o homem trabalhador, que tem como sustento a pesca. Essa dicotomia pode nos ajudar a compreender melhor o fato de que o jornal parece não perceber as implicações políticas e trabalhistas decorridas da viagem, porque esse mesmo jornal diferencia esses personagens, afastando os jangadeiros de seu mundo do trabalho.

A praia também se apresenta de modo diferente das sentimentais lembranças dos poetas ou das memórias de pescadores. Quando as praias aparecem nos noticiários são focalizadas como local de problemas: os roubos, o futebol que atrapalha o banho de mar, um local sujo, um local marcado pela violência. A praia também é apresentada como local de lazer como podemos perceber na reportagem do jornal *Unitário* de 04 de maio de 1958, página quatro, em que podemos ler: “A vida social de Fortaleza, durante domingos e feriados, cada vez mais, se dirige às varias praias que circundam a cidade”. Em outras reportagens sobre esse assunto percebemos que existe certa indignação por parte do jornal, pois este informa que essas praias estão sendo ocupadas somente pela população rica de Fortaleza em detrimento da população mais pobre que não tem meios de locomoção para chegar à praia, o jornal chama a atenção dos governantes para que tentem solucionar a falta de transporte para as praias. Nesse momento a praia se apresenta através das páginas do jornal como um espaço não ocupado, a vida das comunidades de pescadores não é citada quando se discute a praia como um espaço de lazer, ela não é vista como local de moradia, como um lar, em outras palavras, a praia nos é apresentada de modo diferente das lembranças dos pescadores.

Encontramos ainda nas reportagens do jornal *Unitário* visões tão discrepantes sobre a vida dos jangadeiros que torna complicado tentar demonstrar qual a percepção que o jornal tinha da relevância do jangadeiro para a sociedade e conseqüentemente sua visão sobre os objetivos da viagem dos jangadeiros à Buenos Aires, levando-os a não entendê-la como uma viagem de cunho político. Exemplos desses pontos discrepantes são, por exemplo, as reportagens de 12 de janeiro de 1958 e a de 13 de março do mesmo ano. Na primeira, escrita na seção *Idéias e Livros*³⁰, na página um do jornal, intitulada *O poeta dos Jangadeiros*, João Clímaco Bezerra escreve apresentando o mar e os jangadeiros como fonte inspiradora para os poetas litorâneos, do mesmo modo que cordelistas e rabequeiros do interior do estado têm como fonte de inspiração o cotidiano do vaqueiro. Ambos os personagens seriam os representantes do Nordeste. João Clímaco ainda destaca que as viagens dos jangadeiros são sua maneira de buscar socorro. Essa imagem é totalmente o oposto da descrita por Brasília Machado Neto, autor da segunda reportagem intitulada *Pesca no Japão*, que trata das técnicas de pesca do Japão que deveriam ser seguidas pelos brasileiros para que se deixasse “a idade média da pesca, onde (se) vive, com todos os aspectos negativos, tanto do ponto vista

³⁰ Escrita mantida conforme a grafia original.

econômico como humano e social”. Brasília vê, portanto, os jangadeiros como símbolos do atraso que a sociedade deveria superar, para ele “a figura do pescador em nosso país ainda está simbolizada no jangadeiro. Bonita para canções tristes como problema humano e social, e negativo como fator econômico, amarrada a bases inteiramente empíricas”.

É a partir do dia 17 de outubro de 1958 que começam a surgir as reportagens que vão tratar especificamente sobre o “raid”. De maneira geral, as reportagens são esparsas, a maioria na última página do jornal e de conteúdo extremamente reduzido. Após a partida dos jangadeiros, as reportagens se resumem em informar o local onde os jangadeiros aportaram e se estão aparentemente bem de saúde. A viagem é realizada inicialmente por cinco jangadeiros: Jerônimo André de Sousa, José de Lima, Samuel André de Sousa, Luis Carlos de Sousa, José Mariano da Silva, este último desistiu da viagem, por motivos de saúde em 11 de janeiro de 1959 quando os jangadeiros já estavam em Vitória. O “raid” foi intitulado Kubitschek-Frondizi em homenagem aos presidentes em exercício do Brasil e da Argentina, respectivamente, e a jangada recebeu como nome e madrinha Maria Teresa Goulart em homenagem a esposa do vice-presidente, João Goulart, ligado às causas trabalhistas, sendo que essa relação nem sequer foi tratada no jornal.

Nas reportagens do jornal percebemos que os jangadeiros se apresentam como personagens distantes, nunca aparecem tomando a palavra. Os repórteres, não raras vezes, estão distantes da realidade e dos anseios dos jangadeiros. Nas reportagens não é possível sequer perceber que o texto fora produzido depois de uma conversa com os jangadeiros. Esse aspecto nos faz perceber que o jornal *Unitário* deixou de ser um meio de comunicação ao qual a população mais humilde se dirigia na tentativa de ser ouvida, expondo suas condições de dificuldade e miséria, seu abandono por parte das autoridades. O *Unitário* que se apresenta descrevendo o “raid” de 1958 é um jornal distante da população mais humilde, que desconhece o cotidiano, as expectativas e as inquietações dos personagens envolvidos no “raid”.

O jangadeiro Jerônimo apesar de ter recebido grande destaque durante as reportagens sendo sempre apresentado como o mestre, comandante da façanha, pouco se fala no jornal sobre sua vida, sua família, sobre seu trabalho. Ele é instantaneamente esquecido, junto com seus companheiros. Parece que todos foram tragados pelo mar quando do regresso à Fortaleza, assim como de fato aconteceu com Jerônimo.

Os objetivos da viagem não são compreendidos pelo jornal que publica em 07 de abril de 1959, na quarta página, uma reportagem intitulada *Jangadeiro All Right* na qual podemos ler “uma aventura cujo objetivo prático não consigo perceber (...) É preciso dar aos pescadores, que são milhares, instrumentos modernos de trabalho, aposentando de vez as jangadas”. Se os objetivos não são compreendidos, seus limites tornam-se reduzidos quando o presidente Juscelino Kubitschek, sem também, aparentemente, entender o significado político da viagem oferece aos jangadeiros um barco de pesca, sem aparecer nas reportagens do jornal nada que trate sobre conversas entre o presidente e os jangadeiros em que o tema fosse a melhoria das condições de vida e de trabalho dos pescadores.

Apesar de a viagem ser tratada em algumas reportagens como uma espécie de continuação das viagens de 1941 e de 1951, num único momento é lembrado o caráter de reivindicação que essas viagens possuíram e que esta última também teria, mas num plano secundário. É na primeira reportagem que se refere à chegada dos jangadeiros ao Rio de Janeiro, em 15 de janeiro de 1959, que podemos ler: “os jangadeiros pretendem, como sempre, pedir maior assistência do Governo aos pescadores do Ceará”.

Em três outras reportagens podemos ter notícias da situação dos familiares dos pescadores que ficaram em Fortaleza. Na primeira, em 23 de dezembro de 1958 temos o registro das dificuldades que passam as famílias dos jangadeiros pela falta de recursos para se manterem, e em reportagens dos dias 21 e 25 de janeiro de 1959 aparecem notícias de que a *Caixa de Crédito da Pesca* iria ajudar as famílias, mas não especificam quanto dinheiro foi entregue ou quanto tempo duraria essa ajuda. Essa é, pois, a característica geral das reportagens sobre os personagens envolvidos no “raid”, sempre vagas e distantes.

Há, entretanto, um ponto que recebe bastante destaque, sendo repetido em várias reportagens, o de que a jangada iria ser oferecida como presente pelos jangadeiros ao presidente argentino e que esta ficaria sob a guarda de um museu. Essa informação é explicitada na reportagem do dia 24 de abril de 1959, reportagem que está na quinta página do jornal, quando

(...) o senhor Hernán Girault, intendente municipal resolveu decretar determinando que a embarcação seja colocada em exposição no ponto mais visitado da cidade, que é a Avenida 9 de julho. Assim sendo, mesmo depois de que seja simbolicamente entregue ao Presidente Frondizi, a jangada, antes de ser recolhida ao Museu do Governo, permanecerá ainda durante vários dias em exposição.

Depois dessa reportagem que fala da chegada dos jangadeiros em Buenos Aires temos apenas duas reportagens que vão tratar do retorno dos jangadeiros. Para esse retorno a única preocupação não eram as melhorias alcançadas para os trabalhadores do mar, nem o alcance ou o cumprimento de exigências feitas para a melhoria de vida e trabalho dos mesmos, a única coisa que importava era como prestar as devidas homenagens aos homens que realizaram o feito de bravura, coragem e prova física que teria sido o “raid” Kubitschek-Frondizi, esquecendo todo e qualquer vestígio das implicações políticas que faziam parte do “raid”.

A história do “raid” Kubitschek-Frondizi é uma pesquisa que nos instiga a ir sempre mais a fundo, porque sempre nos surpreende por ser repleta de exageros, seja de grandezas, seja de ausências. Foi uma viagem de seis mil quilômetros num mar turbulento, cheio de tempestades e diante da grandiosidade do trajeto nos surpreendemos com a embarcação frágil que faz esse percurso: uma embarcação simples, sem proteção, sem tecnologias, como radares ou cartas náuticas, sem rádio, e com seus simples tripulantes que levavam uma única muda de roupa e suas experiências da lida cotidiana, desde a infância, com o mar.

E também nos surpreendemos que mesmo diante de tal façanha, parece existir nos jornais uma ausência de informações, um aparentemente desinteresse pela vida desses singulares aventureiros e pelos mais variados motivos que os instigavam a se lançarem ao mar, arriscando as próprias vidas. É esse ponto específico que nos dá cada vez mais a certeza de que é preciso ir além, nas pesquisas, avançando no sentido de demonstrar as possibilidades que as fontes hemerográficas podem nos fornecer, mas também, senão principalmente, perceber os seus limites enquanto um meio de comunicação que modifica sua relação com os mais humildes, que utiliza as páginas de seus jornais de maneira nada inocente (e não poderia), mas reservando espaços de tamanhos e destaques específicos para determinadas reportagens nos fazendo perceber não só as informações da viagem, mas também que os espaços reservados a ela tem tudo a ver com a percepção que os meios de comunicação tiveram do “raid” e do limite que queriam impor aos jangadeiros e seus feitos.

Os jangadeiros em foco: algumas considerações finais

Concluindo, ainda que parcialmente, essa pesquisa, consideramos que o papel e o tratamento conferido aos jangadeiros cearenses nas três viagens ocorridas em 1941, 1951 e 1958 sofreram profundas modificações. Responde por elas, em grande parte, o contexto político em que se realizaram, bem como o perfil da Imprensa nos diferentes momentos.

Em 1941, vivíamos sobre a ditadura do Estado Novo (1937-1945), estando à frente do Governo Brasileiro o gaúcho Getúlio Vargas. Nessa ditadura os órgãos de censura, os Departamentos de Imprensa e Propaganda (DIP) e os Departamentos Estaduais de Imprensa e Propaganda (DEIP) buscavam orientar e controlar aquilo que fosse divulgado pelos meios de comunicação, em especial a Imprensa. É claro, entretanto, que a intensidade desse controle era diferente nos grandes centros, em relação a áreas mais afastadas dos centros de poder.

A viagem de Tatá, Manuel Preto, Jerônimo e Jacaré foi realizada com o consentimento das autoridades estadonovistas³¹. Não é demais enfatizar que a proposta político/cultural do Getulismo colocava na centralidade o trabalhador brasileiro, tão bem representado pelos jangadeiros da São Pedro. Além da questão da censura, que por si só, não explica o comportamento de grande parte dos jornais à época, havia, ainda a adesão dos jornalistas ao nacionalismo pregado pelas autoridades do Estado Novo³². Estava sendo gestado naquele momento aquilo que a historiografia chamará de Trabalhismo³³. Chateaubriand, por ocasião dessa primeira viagem, estava travando ótimas relações com Vargas, fato que repercutirá no apoio dos veículos de comunicação a ele vinculados as iniciativas do governo³⁴.

Em 1951, com Vargas novamente no poder, em um regime democrático, não é mais os jornais dos Diários Associados o patrocínio jornalístico da viagem e sim do jornal O Globo, de propriedade de Roberto Marinho. Apesar disso, ainda é bastante destacada a viagem dos jangadeiros, apesar de transparecer certa descrença dos jornalistas com a ação do governo em relação às demandas, o que reflete a difícil

³¹ Cf. a esse respeito ABREU, Berenice. *O raid da Jangada São Pedro: pescadores, Estado Novo e Luta por direitos*. *Op. Cit.*

³² Sobre os Intelectuais e o Estado Novo Cf VELLOSO, Mônica Pimenta. *Os Intelectuais e a Política do Estado Novo* In FERREIRA, Jorge e DELGADO, L. A. N. (orgs) *O Brasil Republicano*. V. 2: O tempo do nacional-estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 145-179; GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: IUPERJ. São Paulo: Vértice, 1988.

³³ Cf. FERREIRA, Jorge. O Imaginário trabalhista. *Op. Cit.* GOMES, Ferreira. *A Invenção do Trabalhismo*. *Op. Cit.*

³⁴ Cf. MORAIS, Fernando. *Chatô, o Rei do Brasil*. Companhia das Letras, 1994.

relação de Vargas com figuras influentes do meio empresarial brasileiro, como era o caso, naquele contexto, com Chateaubriand. Com certa frequência é enfatizado o fato de que os jangadeiros vão “cobrar” promessas anteriormente feitas e não cumpridas. Mas a figura do jangadeiro, como bravo, destemido, etc. ainda é enfatizada. Essas reportagens referentes ao *raid* ainda ocupam as primeiras páginas, sendo ilustradas, no mais das vezes, com fotografias.

Em 1958, entretanto, essa situação muda. O nome da jangada, da esposa de João Goulart, vice-presidente da República nem sequer é explicado ou comentado pelos jornalistas, que não conseguiram, ou não quiseram, perceber a relação que os jangadeiros estabeleceram com Vargas e com o trabalhismo³⁵, consolidado com o herdeiro político de Vargas, o também gaúcho João Goulart.

Aqui situamos um momento em que esses trabalhadores já não encontram mais na imprensa um canal de denuncia e de mediação com a sociedade. As matérias falam dos jangadeiros e de sua viagem, mas com pouca ênfase, relegando para eles, normalmente, as últimas páginas. Além disso, não aparece mais a voz desses trabalhadores comentando sua vida, a miséria em que vivem suas demandas, enfim. Se fala *sobre eles*, para, inclusive, decretar-lhes sua “morte”, tendo em vista os métodos tidos como “ultrapassados” com que trabalham. O tempo da velocidade e do desenvolvimentismo não concedia mais espaço para práticas “arcaicas” como aquela. Ao invés da voz dos jangadeiros, é dada voz a especialistas que, por ocasião da viagem, ocupam as páginas do jornal com suas opiniões sobre as “verdadeiras” soluções para o problema da pesca no Brasil. Na perspectiva desses novos “ilustrados” a jangada e o jangadeiro estavam condenados a figurar bucolicamente nas telas de nossas pinturas e nas páginas da literatura.

Mas, essa sentença de morte não é exclusiva do desenvolvimentismo dos anos de 1950. Por ocasião da viagem de 1941, enquanto a jangada São Pedro era visitada na Cinelândia, na capital da República, várias matérias veiculadas em jornais locais e na cidade do Rio de Janeiro, já sinalizavam para o fim próximo da jangada. Discuti essa questão em minha tese de doutorado³⁶.

³⁵ Sobre o trabalhismo e João Goulart, Cf. FERREIRA, Jorge. O Imaginário Trabalhista. *Getulismo, PTB e Cultura Política Popular: 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

³⁶ ABREU, Berenice. *O raid da Jangada São Pedro*. Op. Cit.

Apesar dessa previsão de morte³⁷, os jangadeiros do Ceará persistem em assombrar a sociedade brasileira com suas viagens. Em plena ditadura militar, o mestre Eremilson, também poeta como Jacaré, arruma sua jangada e vai à luta, conseguindo finalmente para os pescadores a aposentadoria. Nos anos de 1990 é a vez de uma jangada partir dos mares da Prainha do Canto Verde para denunciar³⁸. E os “amigos de todos os tempos”, seguiram as trilhas abertas pelas jangadas cearenses, a quem imaginavam estarem definitivamente enterradas? Mas essas são outras histórias, em velhos mares, que deixamos para outro momento da pesquisa.

Bibliografia.

ABREU, Berenice. *O raid da Jangada São Pedro: pescadores, Estado Novo e Luta por Direitos*. Tese de Doutorado: Universidade Federal Fluminense, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989.

CARUSO, Raimundo C. *Aventura dos jangadeiros do Nordeste*. Florianópolis: Panan Ed. Culturais, 2004.

DE LUCA, Tania Regina. Fontes Impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSK, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

DIEGUES, Antonio Carlos. *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*. São Paulo: Ática, 1983.

_____ *La Pesca Artesanal em Brasil*. Ancona: mayo de 1993.

_____ *Povos e Mares: leituras em sócio-antropologia marítimas*. São Paulo: NUPAUB-USP, 1995.

FERREIRA, Jorge e DELGADO, L. A. N. (orgs) *O Brasil Republicano*. V. 2: O tempo do nacional-estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 145-179.

³⁷REVEL, J. CERTEAU, M. e JULIA, D. “A Beleza do Morto: o conceito de cultura popular”. In REVEL, J. *A Invenção da Sociedade*. Lisboa: DIFEL, 1989, p. 49-75.

³⁸CARUSO, Raimundo C. *Aventura dos jangadeiros do Nordeste*. Florianópolis: Panan Ed. Culturais, 2004.

- FERREIRA, Jorge. *O Imaginário Trabalhista*. Getulismo, PTB e Cultura Política Popular: 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- FREIRE, Carlos Renato Araújo. *O Quebra-Quebra de 1942 em Fortaleza: Entre o Silêncio e as Lembranças*. Monografia. Universidade Estadual do Ceará, 2011.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, 1987.
- GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: IUPERJ. São Paulo: Vértice, 1988.
- MORAIS, Fernando. *Chatô, o Rei do Brasil*. Companhia das Letras, 1994.
- NOBRE, Geraldo da Silva. *Introdução à História do Jornalismo Cearense*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1975.
- PONTE, Sebastião Rogério. *História e Memória do Jornalismo Cearense*. Fortaleza: NUDOC/UFC/Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Ceará/Secretaria de Cultura - SECULT, 2004.
- REVEL, J. CERTEAU, M. e JULIA, D. “A Beleza do Morto: o conceito de cultura popular”. In REVEL, J. *A Invenção da Sociedade*. Lisboa: DIFEL, 1989, p. 49-75.
- THOMPSON, E.P. *Costumes em Comum*. Estudos sobre cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- ZUNTHOR, Paul. *A Letra e a voz: a literatura medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.